

Fluxus abriu novas perspectivas

Movimento surgido durante a década de 60, que teve Yoko Ono como uma das fundadoras, influenciou a vanguarda artística por mais de 30 anos

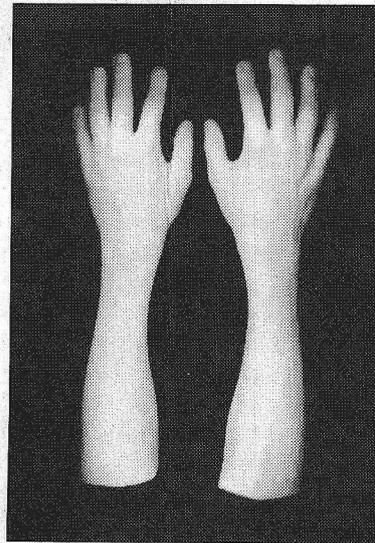
O movimento *Fluxus*, do qual Yoko Ono foi uma das fundadoras, surgiu em Nova York, na década de 60, e em seguida conquistou adeptos também na Europa e no Japão. A série de performances organizadas por George Maciunas em sua AG Gallery de Madison Avenue, em Manhattan (1961), é considerada o marco inicial desse movimento que viria a influenciar o desenvolvimento da vanguarda artística por mais de 30 anos.

Ainda sob os influxos do modernismos, seguindo o caminho aberto por Marcel Duchamp e seu *ready-made*, os integrantes do *Fluxus* se inserem na linhagem da arte conceitual, ao propor que a arte supere as meras formulações estéticas, assumindo também o seu papel ético. Para isso, é necessário que artista e principalmente a obra estabeleçam um diálogo com espectador, deixando de lado a exigência do tradicional distanciamento entre os participantes da experiência artística.

A arte deveria, então, se aproximar do público e da vida cotidiana, extraindo conceitos da filosofia, da sociologia, das ciências ou de qualquer outra matéria extra-artística, para expressar uma crítica

social e política.

No plano da linguagem, essa inspiração conceitual se manifesta na incorporação de todos os meios de expressão, artísticos e não-artísticos, em uma concepção multimídia. Música, vídeo, película, poesia, objetos, quadros, fotografias, publicidade, tudo se mistura em um jogo permanente de combinação



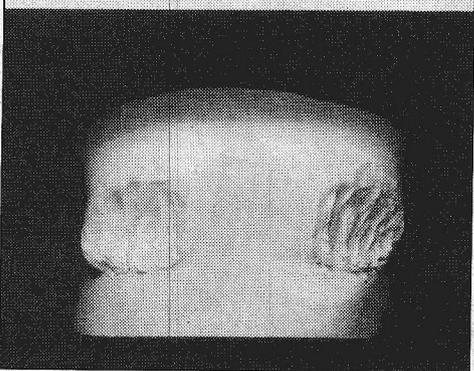
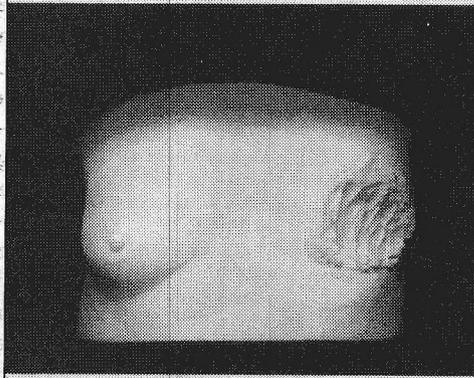
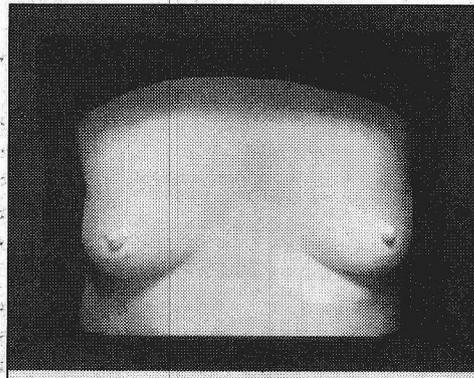
2320: Thought Form A, de Yoko Ono

e fusão, no qual o mais importante não é o resultado estético, mas a ideia e o gesto engajado que resultou dela. Daí, a defesa dos integrantes do *Fluxus* do ato performático, que presentifica e dá vida a um conceito, obrigando o espectador a se envolver com a situação.

Como Duchamp, os integrantes do *Fluxus* batem de frente com o princípio de arte como instituição, imortalizada e petrificada em museus. Para eles, a arte não é apenas um processo e uma técnica que desvincula um objeto da realidade cotidiana, alçando-o, pela criação estética, a um plano quase sagrado. O que buscam, na verdade, é a "antiarte", uma "atitude", mesmo que a manifestação estética dessa atitude seja efêmera. Desmistificando a sacralidade da arte, os artistas do *Fluxus* pretendiam desmistificar a sociedade.

Com isso, mais do que um movimento, o *Fluxus* marcou uma sensibilidade, um posicionamento diante do mundo, um modo de fundir posturas sociais e políticas radicais com a criação artística.

JOSEANA PAGANINI
Repórter do Jornal de Brasília



2321: Thought Form A, de Yoko Ono

